

WEBCAMMING: TRANSFORMAÇÕES DO MERCADO DO SEXO FRENTE À PANDEMIA

Eduardo Silva¹ e Gabrielle Korczagin Padilha²

RESUMO

O presente estudo objetivou compreender como a pandemia da COVID-19 contribuiu para o crescimento das plataformas de *webcamming* e quais são as consequências desse processo. Para tal, efetuou-se um estudo cartográfico em duas etapas, sendo elas a netnografia e entrevistas semiestruturadas, realizada com sete profissionais do ramo. Constatou-se que o *webcamming* é confundido com outros ramos do mercado do sexo, como a prostituição e a pornografia. Observa-se a presença de violência e estigma social. As influências pandêmicas e midiáticas são claras para as profissionais, inclusive em suas próprias trajetórias.

PALAVRAS-CHAVE

Pandemia; trabalho sexual; *webcamming*; mídia social.

ABSTRACT

The present study aims to understand how the COVID-19 pandemic contributed to the growth of *webcamming* platforms and what the consequences of this process are. To this end, a cartographic study was carried out in two stages, namely netnography and semi-structured interviews, carried out with seven professionals in the field. It was found that *webcamming* is confused with other areas of the sex market, such as prostitution and pornography. Observe the presence of violence and social stigma. The pandemic and media influences are clear to professionals, including in their own trajectories.

KEYWORDS

Pandemic; sex work; webcamming; social media.

1 Formado em Filosofia (UniFebe), Mestre em Patrimônio Cultural e Sociedade (Univille), Doutor em Comunicação (UFRJ). Na Universidade da Região de Joinville (Univille) é Professor Adjunto dos cursos de Licenciatura e Social Aplicadas, e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação.

2 Graduanda em Psicologia, Universidade da Região de Joinville (Univille).

INTRODUÇÃO

Ao longo da história, foram propostas diversas teorias sobre a origem da existência humana, mais precisamente sobre como e quando um indivíduo se torna um sujeito cultural, social e historicamente colocado. Entre tais debates, as concepções acerca da corporeidade ganham destaque e “não há mais hesitação nas ciências sociais de que o corpo é um recurso importante para se compreender como se constroem as relações entre as estruturas sociais e simbólicas e a ação individual (Silva; Jayme, 2015, p. 201). Para Le Breton (2007, p. 7) “do corpo nascem e se propagam as significações que fundamentam a existência individual e coletiva; ele é o eixo da relação com o mundo, o lugar e o tempo nos quais a existência toma forma através da fisionomia singular de um ator”.

É necessário considerar, no entanto, que o corpo não pode ser concebido como um fato isolado que se inicia e finaliza em si próprio, pois constitui um processo inacabado de intermediações sociais que marcam suas performances e atuações no contexto em que está inserido (Silva; Jayme, 2015). Assim, eventos históricos, crises econômicas, religiosas, sanitárias e/ ou políticas são capazes de modificar as relações sujeito-corpo-meio e os sistemas simbólicos a eles designados. Tais modificações são, ainda, marcadas por interseccionalidades entre raça, gênero e classe que atravessam “o corpo de atores em carne” (Le Breton, 2007, p. 10) e o põe em maior ou menor grau de controle, exploração e subjugação, a depender do tempo, espaço e local de que se fala.

A sexualidade, sendo exercida, performada e expressada através do corpo, torna-se assim como ele, sensível às construções históricas, culturais e sociais que a permeiam. Em diferentes épocas, perante as leis culturais, ao domínio religioso e/ou utilitarismo político e econômico, os múltiplos discursos acerca da sexualidade ganham contorno, contraste e controle (Butler, 2018). Como afirma Foucault (1998, p. 97), “nas relações de poder, a sexualidade não é o elemento mais rígido, mas um dos dotados da maior instrumentalidade: utilizável no maior número de manobras, e podendo servir de ponto de apoio, de articulação as mais variadas estratégias”.

Diante disso e ao considerar que Foucault (1998, p. 119) apresenta a sexualidade como o “conjunto dos efeitos produzidos nos corpos, nos comportamentos, nas relações sociais, por um certo dispositivo pertencente a uma tecnologia política complexa”, compreende-se que a sexualidade concebida pelo poder do discurso, não é intrínseca a uma suposta natureza humana, mas apresenta-se como “um texto socialmente construído” (Preciado, 2022, p. 26). Assim, as concepções higienistas, cisheteronormativas e burguesas que constituem os princípios da sexualidade ocidental, embora busquem apresentar-se como naturais, são provenientes de uma estrutura social específica e defendem os interesses desta (Foucault,

1998; Butler, 2018).

Do mesmo modo que próprias bases que o fundamentam, a forma com que o sujeito emprega seu corpo, e concomitantemente, sua sexualidade, está relacionada à estrutura social vigente e a um conjunto de sistemas simbólicos que coexistem no âmbito individual e coletivo (Le Breton, 2007). Neste sentido, ao adentrar aos debates que contornam as relações econômicas da sexualidade - isto é, o mercado sexual - o corpo e a sexualidade são convertidos,

[...] em espaço sobre o qual se inscrevem significados sociais e culturais que aludem à associação na categoria de profissional do comércio sexual, em acordo com os ambientes de socialização com seus pares e prática profissional dentro de uma estrutura social mais ampla. (Silva; Jayme, 2015, p. 205)

Ao longo da trajetória humana, diferentes culturas desenvolveram concepções próprias acerca do mercado do sexo. No mundo ocidental emergem discursos higienistas e patologizantes, os quais posicionam a prostituição como um desvio social e sanitário marcado pela degeneração e imoralidade (Ibacache; Íñiguez-Rueda, 2019). Essa visão guia as intervenções estatais para a busca por um controle biológico, negligenciando as demandas de proteção social desses sujeitos. Além disso, tais discursos incorporam ao imaginário coletivo a imagem do trabalhador sexual como uma identidade pré-determinada, “como *algo que é* e não como *algo que é feito*” (Ibacache; Íñiguez-Rueda, 2019, p. 6-7, tradução nossa).

No decorrer da história, a ausência de políticas públicas e o crescente desenvolvimento tecnológico compeliram os profissionais do sexo a reinventarem suas práticas visando atender as demandas do mercado. Nesse cenário, o advento da internet e o consequente esvaecimento das fronteiras anteriormente conhecidas, impulsionaram o surgimento de novos ramos do comércio sexual, como exemplificado pelo *webcamming* (Caminhas, 2021).

O *webcamming* surge no Brasil a partir dos anos 2000 sendo realizado majoritariamente por mulheres cis-gênero que “encenam diante da câmera atos eróticos e sexuais para uma audiência em troca de dinheiro e outros bens materiais” (Caminhas, 2021, p. 2). A partir dessa prática interativa reconstruem-se as ligações entre desejo, ação e satisfação e “reinventam-se o corpo e as relações sexuais” (Silva; Jayme, 2015, p. 202).

Para Caminhas (2021) essa variação de trabalho sexual derivou de um estilo de transmissão online predominante nos anos 1990, denominado *homecamming*. Nessa modalidade, também realizada principalmente por mulheres cis-gênero, as *webcams* - câmeras de vídeo conectadas diretamente a um computador - eram utilizadas para compartilhar experiências cotidianas (Caminhas, 2021).

Os estilos de transmissão eróticos e sexuais desenvolvem-se, então, paralelamente ao

homecamming, apropriando-se de sua principal característica: “a interação mediada simultânea composta por um polo de exibicionismo e outro de voyeurismo” (Caminhas, 2021, p. 2). Neste cenário, o *webcamming* passa a integrar o mercado do sexo e as *camgirls* - termo utilizado para referir-se às profissionais que atuam nesse ramo - são associadas a atrizes pornô e prostitutas (Caminhas, 2021).

Tal associação sucede-se porque “as fronteiras que separam os diversos tipos de trabalho sexual são frágeis e movediças, sempre sujeitas a alterações e revisões”, sendo construídas a partir da experiência cotidiana dos atores (Caminhas, 2021, p. 8). No entanto, com o crescente desenvolvimento do *webcamming* emergiu a necessidade de uma delimitação que o apresente como uma modalidade específica do comércio sexual (Caminhas, 2021).

Neste sentido, o *webcamming* desenvolveu características próprias que o distinguem das demais modalidades de trabalho sexual. Essa prática não engloba somente o “consumo pornográfico de vídeos e imagens pelos usuários, mas também uma relação comercial de corpos como objetos de consumo e desejo expostos em vitrines mundializadas” (Silva; Silva, 2017, p. 153). Ademais “a interatividade é um dos principais bens comercializados, na medida em que se paga tanto pela interação quanto pelo conteúdo sexual/erótico” (Caminhas, 2021, p. 13).

Após seu início em meados dos anos 2000, o *webcamming* manteve um progressivo crescimento (Caminhas, 2021). No entanto, como mencionado anteriormente, eventos históricos e as consequentes crises a ele atrelados são capazes de modificar parâmetros anteriormente conhecidos, e alterar o curso de determinados fenômenos. Essa modalidade de trabalho sexual, por sua vez, mostrou-se extensivamente impactada pela pandemia da COVID-19 (Ramalho, 2021).

A COVID-19 é uma infecção respiratória potencialmente grave que iniciou uma pandemia global a partir de dezembro de 2019. Por possuir alta transmissibilidade, uma das primeiras ações governamentais diante da COVID-19 foi a adoção de políticas restritivas de isolamento da população (Orellana; Aragón, 2020). Apesar de apresentar-se como uma ação necessária para reduzir a curva de contágio e evitar o colapso dos sistemas de saúde, Ramalho (2021) afirma que a pandemia e suas medidas de prevenção provocaram uma turbulência social que modificou o estilo de vida, as interações e as relações econômicas.

Ao considerar que, durante a pandemia, o ambiente virtual demonstrou-se como um espaço biosseguro, levando todas as ações de interação possíveis para seu interior, “não seria de se espantar que a sexualidade também passasse a ser vivida de forma mais intensa pela internet” (Ramalho, 2021, p. 86). Assim, o *webcamming* ganhou significativa notoriedade dado que “muitas pessoas viram no online uma saída para extravasar a libido quarente-

nal” (Ramalho, 2021, p. 86).

Esse movimento pode ser observado através do considerável aumento nos números apresentados por plataformas vinculadas ao *webcamming*. Persch et al. (2023) e Cruz (2020) afirmam que no período entre os dias 1 e 19 de março de 2020, o site *Camera Hot* apresentou um aumento de quase 300 mil visitantes em comparação com o mesmo período do mês anterior. Por sua vez, a plataforma *Only Fans* - um site de conteúdos por assinatura que, apesar de não ser utilizado exclusivamente como ferramenta da indústria do entretenimento adulto, é majoritariamente empregado com essa finalidade - apresentou uma ampliação de cerca de 553% de seus rendimentos em relação à receita do ano anterior, com seu lucro saltando de 42 milhões para 371 milhões em 2020 (Ravache, 2021; Persch et al., 2023).

Por outro lado, identifica-se também o aumento no número de profissionais cadastrados nestas plataformas. Persch et al. (2023) e Cruz (2020) relatam um crescimento de cerca de mil novos cadastramentos por dia no período entre 1 e 19 de março, o que representa um número 30% maior se comparado ao mês anterior. Ao analisar esses números é necessário ponderar dois principais pontos. Primeiro, a pandemia foi responsável por uma alta taxa de desemprego, levando parte da população a buscar formas alternativas de renda (Orellana; Aragón, 2020). Em segundo lugar, os índices de desemprego mostraram-se extensivamente atravessados por recortes de gênero, escancarando a “vulnerabilidade das mulheres como grupo social” (Ramalho, 2021, p. 85).

Ao considerar que os trabalhos informais e de meio período são realizados majoritariamente por mulheres e que esses são os primeiros a serem depostos em momentos de instabilidade, observa-se que essa parcela da população permanece socioeconomicamente desprotegida, sendo compelida a buscar formas alternativas de renda (Pisani, 2020; Ramalho, 2021). Com a pandemia da COVID-19 e o extensivo impacto ao emprego feminino, o *webcamming*, ao ser um espaço já ocupado majoritariamente por mulheres cis-gênero e biosseguro, mostrou-se como uma possibilidade rentável (Caminhas, 2021; Ramalho, 2021).

Concomitantemente, essa modalidade ganha destaque por apresentar-se como uma “prática que tem sido propagandeada pela mídia como uma das mais vantajosas em termos de monetização dentro do mercado erótico” (Ramalho, 2021, p. 87). Tem-se como exemplo manchetes, como da revista *Vice*, publicada em 2020, que afirma: “As *camgirls* brasileiras estão enchendo o bolso na quarentena” (Lopes, 2020), e do site FA Notícias em 2021 que declara: “*Camgirls* impulsionam mercado e ganhos chegam até R\$ 200 mil” (FA Notícias, 2021). Ramalho (2021, p. 89) afirma que “esse tipo de chamada reforça o

imaginário que considera trabalho sexual uma forma de ganhar “dinheiro fácil””, sendo responsável por atrair cada vez mais pessoas para este ramo.

Diante do exposto, o presente estudo buscou compreender como as profissionais do sexo que atuam no *webcamming* significam suas relações com esse trabalho e como compreendem as influências pandêmicas e midiáticas para o crescimento desse ramo. Objetiva-se ainda conceituar o *webcamming* como uma nova forma de trabalho sexual a partir das experiências pessoais de profissionais atuantes. Compreende-se que a delimitação dele abre possibilidades de pensar formas de garantir segurança, dignidade e direitos para os sujeitos que atuam nesse ramo, tencionando ultrapassar o padrão de violência que acompanha o mercado do sexo.

METODOLOGIA

O presente estudo possui base metodológica cartográfica e foi dividido em duas etapas, a saber, netnografia e entrevistas semiestruturadas.

A escolha da cartografia como método basilar ultrapassa a busca por uma normatização de protocolos e procedimentos de pesquisas e apresenta-se na construção de uma análise crítica e política acerca da temática. Segundo Prado Filho e Teti (2013, p. 47) a cartografia possibilita a compreensão das “relações, jogos de poder, enfrentamentos entre forças, lutas, jogos de verdade, enunciações, modos de objetivação, de subjetivação, de estetização de si mesmo, práticas de resistência e de liberdade”.

Partindo da cartografia desenhada por Deleuze e Guattari (1995), objetivou-se traçar os movimentos das relações de poder que atravessam subjetividades de trabalhadores sexuais. Neste cenário, por entender que “a produção política da subjetividade é um dos focos centrais e estratégicos da análise cartográfica”, defende-se que a escolha pela escuta e análise das narrativas de vida de *camgirls* surge para afirmar as subjetividades dessas (Prado Filho; Teti, 2013, p. 56). Essa perspectiva possibilita “a singularização, [e] a produção de si mesmo a partir de novas estéticas da existência” (Prado Filho; Teti, 2013, p. 57).

Mantendo no horizonte as perspectivas cartográficas e após a obtenção do parecer de aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) nº 5.691.384 de 07/10/2022, o presente estudo foi construído em duas fases: a netnografia e a entrevista semiestruturada.

A netnografia configura-se como “um método de pesquisa derivado da técnica etnográfica desenvolvida no campo da antropologia” (Rocha; Montardo, 2005, p.13). Esse método realiza a análise de mídias sociais e tem apresentado um significativo crescimento devido à busca pela compreensão das complexas relações estabelecidas no ambiente virtual (Rocha; Montardo, 2005). Por ter como objeto de pesquisa o *webcamming*, um movi-

mento pertencente ao mundo digital, a presente pesquisa compreende que a netnografia apresenta possibilidades de (re)conhecimento do cotidiano das trabalhadoras atuantes nesse ramo. Assim posto, realizou-se a observação da rotina dessas profissionais em redes sociais como *Instagram*, *Twitter* e *TikTok*, durante três meses, de outubro a dezembro de 2022.

Concomitantemente a isso, elaborou-se um mapeamento de possíveis candidatas que se dispusessem a participar voluntariamente de uma entrevista individual sobre a temática, ação que inaugura a segunda etapa da pesquisa. Foram selecionadas para a entrevista profissionais mulheres cis-gênero, com faixa etária igual ou superior a 18 anos de idade, as quais atuaram em plataformas de webcamming durante o período entre março de 2020 e novembro de 2022, e que estavam atuando no momento da realização da pesquisa.

Ao todo foram convidadas 77 profissionais, dentre as quais 15 acenaram seu desejo de participação. Entretanto, 8 entrevistas não foram realizadas devido ao não envio de documentação ou desistência das participantes. Dessa forma, ao todo, entrevistaram-se 7 profissionais, no período entre novembro de 2022 e abril de 2023.

A entrevista seguiu o modelo semiestruturado, uma vez que esse permite um desenvolvimento mais amplo da fala dos entrevistados, ao mesmo tempo em que garante ao pesquisador a possibilidade de ter acesso às informações que julgar importantes para o desenvolvimento do estudo (Flick, 2009). O roteiro de entrevista foi composto por questões abertas e perguntas controladas, que se basearam na literatura científica da área e em hipóteses teóricas dos pesquisadores (Flick, 2009). Após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e da autorização de uso de imagem e voz, as entrevistas foram realizadas de maneira on-line mediadas pelas plataformas MS Teams e Skype.

Os dados coletados foram confrontados com pesquisas semelhantes publicadas nos periódicos da CAPES, Scielo, e Google Acadêmico, a fim de evidenciar as semelhanças, diferenças ou transformações das concepções acerca da temática. Essa pesquisa contou com o apoio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC/CNPq.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Perfil das entrevistadas

Para analisar os relatos de experiência das sete profissionais entrevistadas, é necessário considerar o perfil singular e as consequentes interseccionalidades que aproximam,

distanciam ou modificam tais relatos entre si. Nesse sentido, serão apresentados a seguir os dados acerca da faixa etária, identidade racial, região do país em que reside e escolaridade das profissionais participantes. Para referir-se às entrevistadas serão utilizados nomes fictícios, objetivando manter o anonimato delas.

A faixa etária das entrevistadas manteve-se entre 19 a 32 anos de idade, com predominância de mulheres mais jovens. Em relação à residência, há destaque para a região sudeste (três entrevistadas) e para a região nordeste (duas entrevistadas). Quanto à identidade racial, três entrevistadas identificam-se como brancas, duas como pardas, uma como negra e uma optou por não declarar. No que se refere à escolaridade, três estavam cursando ensino superior em diferentes áreas, e quatro possuíam ensino médio completo.

Entrevistada	Idade	Região onde mora	Identidade Racial	Grau de Escolaridade	Início na profissão
Sofia	22 anos	Nordeste	Parda	Ensino superior incompleto (em curso)	2020
Isabela	19 anos	Sul	Branca	Ensino superior incompleto (em curso)	2022
Camila	32 anos	Sudeste	Não declarada	Ensino Médio Completo	2022
Mariana	25 anos	Sudeste	Parda	Ensino Médio Completo	2020
Juliana	26 anos	Sudeste	Negra	Ensino Médio Completo	2020
Ana	20 anos	Não especificado	Branca	Ensino Médio Completo	2022
Gabriela	22 anos	Nordeste	Branca	Ensino superior incompleto (em curso)	2020

Tabela 1: Dados das trabalhadoras entrevistadas obtidos durante a pesquisa, sendo divididos por: nome fictício, idade, região onde reside, identidade racial, grau de escolaridade e início no *webcamming*.

A predominância de profissionais jovens mostra-se atrelada a aspectos sociais, econômicos e culturais. Bichir (2022, p.56) afirma que, por um lado, o estilo de sociedade patriarcal que sustenta a estrutura social vigente, sujeita as *camgirls* a normas sexistas, principalmente à “valorização exclusiva do corpo de mulheres jovens”. Por outro lado, os cenários de crise econômica, desemprego e dificuldades de inserção no mercado de trabalho, compelem a população jovem, principalmente mulheres, a buscar formas alternativas de renda (Bichir, 2022).

Os dados referentes à identidade racial e escolaridade apresentam um relativo distanciamento do perfil de trabalhadoras sexuais atuantes na prostituição, que segundo Góes (2017) é majoritariamente marcado por mulheres negras e de baixa escolaridade. Os estudos realizados por Bichir (2022), Jones (2015) e Batista (2019) confirmam que

o *webcamming* é marcadamente realizado por mulheres brancas e denunciam o racismo imbricado nos sites que abrigam as atividades desta modalidade de trabalho sexual. Segundo as autoras, as modelos que mais lucram nestes sites “são brancas, magras, de aparência muito jovem e que apresentam mais características socialmente apontadas como femininas” (Bichir, 2022, p. 10).

De maneira geral, é possível observar que as profissionais entrevistadas apresentam um perfil variado e multifacetado que se mostra refletido em suas práticas e experiências profissionais com o *webcamming*. A variabilidade no perfil das *camgirls* também foi identificada nos estudos de Caminhas (2021), que entrevistou 15 mulheres que atuavam nesse ramo, e de Silva e Jayme (2015), que entrevistaram outras 9 profissionais.

Entrada no Webcamming

As sete entrevistadas iniciaram suas atuações no *webcamming* após o início da pandemia, sendo quatro delas em 2020 e três em 2022. Dentre as principais motivações que conduziram as profissionais a adentrar essa modalidade de trabalho sexual, observa-se a predominância das questões financeiras (cinco entrevistadas), seguido pela influência midiática (uma entrevistada) e a busca pela comodidade do trabalho em casa (uma entrevistada).

Apesar de uma motivação destacar-se nos discursos, há uma mescla de influências nas experiências relatadas. A pandemia da COVID-19, por exemplo, sobressaiu-se em suas falas, sendo associada às questões financeiras, como é caso de Sofia e Gabriela:

Sofia: Eu terminei uma extensão na faculdade em que eu recebia uma bolsa e foi bem no período em que a gente começou a ser avisado que as coisas iriam fechar. [...] Eu falava que eu não botava fé que a pandemia ia ser curta e inclusive não foi. [...] E aí uma amiga minha que estava trabalhando com *camming* falou: “Olha, eu acho que você vai se dar bem, a gente pode logar (*sic*) algumas vezes juntas, você deveria testar”. [...] E aí eu só comecei a entrar e fui indo e indo, escalando, escalando até que cheguei aqui.

Gabriela: Eu acho que o que me motivou mesmo foi porque eu não tinha mais nenhum outro emprego. Estava no ano da pandemia, ninguém ia conseguir mais nenhum emprego. E foi uma possibilidade, porque foi um mercado que bombou muito. Quando começou a pandemia, todo mundo comentava. E é muito fácil também, só precisa ter um celular e você consegue fazer tudo.

Em concordância com Pisani (2020) e Ramalho (2021), os relatos das *camgirls* constatarem que os impactos econômicos provenientes da pandemia da COVID-19 são desproporcionalmente marcados pela questão de gênero. Concomitantemente, os estudos de Orellana e Aragón (2020) e Nascimento (2021) evidenciaram que em 2020 as mulheres tinham uma maior probabilidade de perderem o emprego e menor chance de uma nova

contratação se comparado aos homens. Quando associados aos relatos das entrevistadas, os estudos supracitados reiteram a vulnerabilidade socioeconômica ao qual as mulheres são relegadas em períodos de instabilidade, e apontam para a necessidade de desenvolvimento de políticas de proteção social para esse grupo populacional.

Por sua vez, a mídia e a demanda financeira também apresentam suas relações nos discursos de Isabela, Mariana e Ana:

Isabela: Eu comecei a vender conteúdo, né? Tipo (*sic*) eu já conhecia o *Privacy*, o *OnlyFans* por causa da fama, enfim. E aí eu comecei a ver alguns vídeos no *TikTok* que me apareciam [...] E eu já via algumas propagandas em sites pornô, aparecia sempre. E aí eu pensei: “Ah, quer saber? Vamos tentar né”, e aí eu fui.

Mariana: Bom, eu tava (*sic*) grávida e eu tinha acabado de gastar todo o meu dinheiro de rescisão aqui nesse espaço que era pra ser um salão de cabeleireiro e aí eu me descobri grávida e foi um desespero. Na hora, eu não conhecia esse mundo do *camming* mas eu assisti num filme na *Netflix* e eu descobri o filme “*Cam*” [...] E aí, na época eu era casada, eu fui e fiz um teste e em uma semana eu consegui fazer um salário mínimo. Aí eu saquei esse dinheiro, fiquei esperando meu marido chegar em casa e falei assim, “olha, consegui esse dinheiro, mas foi assim, assim e assado (*sic*)” e ele topou da gente fazer junto e aí foi.

Ana: O dinheiro. [...] Eu vi os vídeos de umas *camgirls* no *TikTok* e aí me interessou.

Além das influências oriundas da grande indústria midiática e cultural, que como apontado por Ramalho (2021), coloca o *webcamming* como um dos ramos mais lucrativos do mercado do sexo, torna-se relevante destacar as influências que ganham corpo no interior do próprio grupo social. A partir do estudo netnográfico realizado e apoiando-se nas evidências apresentadas por Caminhas (2021), foi possível observar que uma prática comum entre as profissionais do ramo consiste em compartilhar suas experiências profissionais em diversas plataformas midiáticas.

Em redes sociais como o *TikTok*, as trabalhadoras relatam que, apesar de possuir riscos, há “benefícios que estariam presentes nessa atividade, como maior segurança e possibilidade de criação dos próprios horários” (Bichir, 2022, p.6). Esses relatos compartilhados por *camgirls* atuantes, atraem para o ramo outras pessoas interessadas nos benefícios divulgados, como por exemplo, as entrevistadas destacadas acima.

Mesmo fora das redes sociais, os relatos de profissionais já atuantes também contribuem para a divulgação do *webcamming*. Tal movimento é perceptível nos relatos de Camila e Juliana:

Camila: Necessidade de dinheiro. [...] Eu já tinha dado uma olhada, acho que desde 2016 eu já cheguei a dar uma pesquisada. Só que na época eu não tive coragem e tal. Só que

passou o tempo e daí ano passado eu me peguei na situação de realmente estar precisando. Eu tenho amigas que trabalham também mais ou menos com isso [...] E daí elas me indicaram, e daí eu falei: “Quer saber? Vamos lá”.

Juliana: [...] Na época, nessa casa moravam outras meninas também. E eu vi que elas ficavam passando de um lado para o outro, a maioria das vezes nuas [...] E aí eu quis, eu perguntei com o que elas trabalhavam. E aí elas me passaram assim, eu vi também muitas vezes e aí eu comecei a trabalhar com isso.

Juliana afirma ainda que o principal motivo que a levou a entrar no *webcamming* foi a comodidade de trabalhar em casa e estar mais próxima de sua filha. Segundo a participante:

Juliana: Antes eu era recepcionista da caixa econômica e eu saía, minha filha estava dormindo, eu chegava em casa, minha filha estava dormindo [...] Eu já estava ficando psicologicamente abalada com isso, porque era uma rotina de trabalho muito intensa. Eu trabalhava muito longe de casa e passava mais tempo dentro do transporte do que fora.

Quando as condições de vida e de trabalho se tornam adoecedoras, o sujeito busca alternativas que possam o libertar deste sistema explorador. Neste contexto surge a intensa procura pelo empreendedorismo e o autoemprego. Bichir (2022, p. 14) afirma que “o autoemprego é percebido como sinônimo da liberdade, numa sociedade de risco, no qual desapareceu do horizonte a estabilidade representada pelo estado-providência”. Entretanto, “alardeado como desejo de autonomização, o autoemprego raramente é uma opção do trabalhador, e sim falta de opção frente ao mercado de trabalho restrito” (Bichir, 2022, p. 14). A falta de possibilidades diversas também pode ser observada na fala da mesma entrevistada:

Juliana: Antigamente eu mesma já fui essa pessoa que fala assim: “vamos fazer um docinho e tal, comida ninguém se recusa a comprar não”. Mas hoje é: “vamos vender o corpo, hoje ninguém se recusa a comprar o teu corpo”.

Assim, ao buscar a emancipação através do empreendedorismo e do autoemprego, o trabalhador recai sobre outras formas de exploração articuladas no interior do sistema capitalista. Em um primeiro olhar, o gerenciamento de horários, a escolha do local de trabalho e da duração da jornada, apresentam-se como benefícios libertadores (Bichir, 2022; Abílio, 2020). No entanto, “vê-se nesses formatos de trabalho um processo de adoecimento cuja origem está, dentre outros fatores, no processo de individualização dos serviços - o trabalhador está solitário” (Bichir, 2022, p. 16). Alguns desses aspectos podem ser observados nos relatos das trabalhadoras acerca de suas experiências com o *webcamming*.

Experiência com o Webcamming

Ao analisar os relatos das trabalhadoras, é necessário considerar que, além das interseccionalidades mencionadas anteriormente, a experiência que as profissionais estabelecem com esse trabalho mostram-se relacionadas com dois pontos específicos. São eles: a maneira que compreendem o *webcamming* e a dependência financeira que estabelecem com ele.

No que tange a compreensão do *webcamming* dentro do mercado sexual, observa-se que algumas profissionais o associavam a uma forma de pornografia interativa ou prostituição, enquanto outras referiam-se a ele como um ramo específico. A mesma ambiguidade é observada na literatura da área. O estudo de Caminhas (2021) apresenta-se como um dos primeiros que expõe a preocupação, tanto das profissionais quanto da própria pesquisa, em delimitar o *webcamming* como uma nova modalidade. Em estudos anteriores como os de Silva e Silva (2017), Silva e Jayme (2015), Miranda (2014), Lopes (2013) e Ribeiro e Miranda (2012), esse ramo do trabalho sexual é definido como strip-tease virtual, cibersexo, pornografia interativa, ciberprostituição, entre outros.

A dubiedade identificada tanto na fala das entrevistadas, quanto na literatura da área coloca o *webcamming* num vácuo entre a pornografia e a prostituição, dificultando os “processos de autoapresentação e autorepresentação” das *camgirls* (Caminhas, 2021, p. 7). Ao delimitar, descrever e singularizar um determinado fenômeno, reconhece-se sua existência e compreende-se o campo semântico e simbólico que lhe é próprio (Caminhas, 2021). Concomitantemente, possibilita que as profissionais possam se reconhecer dentro de sua prática e construir novos sentidos a partir de suas vivências singulares.

Acerca da dependência financeira, identificou-se que, até o período de finalização da pesquisa, cinco entrevistadas mantinham o *webcamming* como principal fonte de renda (Sofia, Mariana, Juliana, Gabriela e Ana), enquanto outras duas o utilizavam como uma renda extra (Isabela e Camila). Bichir (2022) afirma que, assim como em todo sistema capitalista neoliberal, o dinheiro é a peça central no *webcamming*. Entretanto, nesse ramo ele ganha uma valorização excepcional se comparado a outras formas de trabalho assalariado, haja vista que, em diversas plataformas, as *camgirls* recebem por cada minuto trabalhado (Bichir, 2022).

Além de apresentar-se como um dos principais atrativos para a entrada de profissionais nesse ramo, o dinheiro coloca-se ainda um como regulador das práticas realizadas por elas. Identifica-se indícios deste fenômeno nos relatos de Sofia e Mariana:

Sofia: Você acaba ficando nesse local no qual você precisa do dinheiro e aí a maioria dos homens acha que você é uma boneca, e que eles podem realizar todos os desejos deles

contigo. Você acaba indo, porque você precisa do dinheiro. A maioria das *camgirls* acaba se submetendo porque ela precisa da grana.

Mariana: Seu momento de fama vai passar e você vai começar a fazer coisas que nunca faria, por exemplo fetiches muito pesados [...] Já fiz coisas assim, que são coisas que eu nunca pensaria em fazer na minha vida e eu fiz por dinheiro. Você se corrompe por dinheiro, você chega a deturpar o seu caráter e você se transforma em outra pessoa.

Em seu estudo, no qual entrevistou três profissionais do ramo, Bichir (2022) deparou-se com relatos semelhantes. Segundo a autora, as três entrevistadas afirmaram que, durante suas práticas profissionais, realizaram ações que não gostariam, mas que foram financeiramente compensatórias. Nesse cenário observa-se que as experiências vivenciadas no interior do *webcamming* mostram-se marcadas por fatores interseccionais que atravessam os campos singulares e coletivos. Portanto, como afirma Dobson (2008) citado por Bichir (2022, p. 59) “não se deve cair em simplismos quando aborda-se o *camming*, ou seja, evitar reduzir este a discursos individualistas e acrílicos voltados para “escolha pessoal” e “liberdade””.

Ao considerar os pontos supracitados, serão dispostos a seguir os relatos de experiências das profissionais entrevistadas com o *webcamming*. Isabela, Camila e Ana, as quais declaram que possuem vivências positivas neste ramo:

Isabela: É uma experiência boa. Eu poucas vezes me senti desconfortável durante o trabalho, eu gosto do que eu faço [...] A minha pessoa faz bem.

Camila: Olha, pra mim tá ok (*sic*). Quando eu fui começar, as minhas amigas falaram bastante da questão de peso psicológico e tal. Mas eu sou uma pessoa muito tranquila com isso, sabe? Sou bem resolvida com isso. Quando não tá tranquilo pra mim numa sala eu fecho.

Ana: Aí, é bom.

Em contrapartida, nos relatos apresentados por Mariana, Juliana e Gabriela destacam-se as experiências negativas proporcionadas por esse ramo do mercado sexual:

Mariana: Eu não estou satisfeita com o que eu faço, eu não quero mais continuar com isso. Só que eu não tenho outra alternativa, então eu to levando enquanto eu tento aprender coisas novas.

Juliana: Então, não vou dizer que é boa. Não é porque lidar com homens é uma coisa muito complicada. Na verdade, lidar com o público, né? Eu achava que lidar com o público de maneira direta, pelo fato de eu ser recepcionista, era ruim. Mas já teve dias que eu fui dormir chorando, já teve dias que eu deixei de me alimentar por conta de um estresse

que eu passei. [...] Para mim não é muito boa, mas dá para levar.

Gabriela: É um trabalho muito cansativo e demanda muito tempo e, pra falar a verdade, não dá muito retorno financeiro. Dá, mas você precisa trabalhar muito, passar muitas horas disponível para as pessoas e é muito cansativo fisicamente e mentalmente.

Ademais, Sofia afirma que suas vivências são marcadas por uma mescla de experiência com momentos agradáveis e desagradáveis:

Sofia: É uma experiência contraditória [...]. Metade do tempo eu gosto e eu acho uma boa profissão, eu me divirto, eu conheço pessoas incríveis e em outra metade do tempo eu estou em puro surto e ódio porque eu trabalho com pessoas e a pior coisa que um trabalhador pode fazer é lidar com público. Então gosto mas ao mesmo tempo me pergunto se é isso mesmo que eu deveria gostar. Mas, em geral, tem sido mais positivo do que negativo. E no quesito emocional, físico, financeiro, todos os quesitos acabam sendo mais positivos do que negativos.

As diferentes histórias apresentadas pelas entrevistadas e as diferentes significações que cada uma desenvolveu diante do *webcamming* demonstram que não existe possibilidade de definir este ramo de maneira absoluta. Ao citar Rubin (2003) Ramalho (2021, p.86) afirma que ao abordar a temática em questão, é necessário desviar de “categorias reducionistas, que considerem o trabalho sexual como inerentemente explorador ou empoderador”. Segundo as autoras, buscar por uma normatização universal das experiências no interior do comércio sexual, produz um entendimento binário e essencialista acerca do tema, impedindo o desenvolvimento de uma concepção ampla que busque garantir, acima de tudo, a dignidade e o direito dessas trabalhadoras.

É, no entanto, inegável que as relações de violência transpassam historicamente o mercado do sexo e acabam por alcançar o *webcamming*. O contato físico não está presente, mas a violência encontra outros modos de manifestação, como se observa no discurso de Sofia, Isabela e Juliana:

Sofia: Eu estou numa bolha do *camming* em que eu consigo me privar de certos tipos de violência que eu sei que a maioria das *camgirls* não estão. Então antes de eu entrar nessa bolha [...] quando minha primeira renda era o *CameraPrive*, por exemplo, eu era ameaçada de estupro, acho que, duas vezes por semana.

Isabela: Tem algumas situações chatas, né? Gravarem tela já aconteceu, coisas assim.

Juliana: Tem muitas meninas que entram em depressão. Eu conheço várias meninas que pararam de vender conteúdo porque vazou, que trancou a faculdade porque o conteúdo vazou e tudo mais. Muitas entendem como marketing: “Uau, vazou, meu marketing, não é? Tá fazendo propaganda de graça”. Já outras não levam tão bem.

As experiências das profissionais vão de encontro aos estudos de Bichir (2022) e de Jones (2015) os quais afirmam que atuar no *webcamming* pode proporcionar riscos. Como por exemplo: diferentes formas de assédio através de frequentes mensagens ofensivas e indesejadas - caso relatado por Sofia -, e o *capping*, que se fundamenta na gravação não consentida das performances das profissionais e a distribuição online desse material - caso relatado por Isabela e Juliana. No entanto, assim como destacado por Bichir (2022) e Mantilla, Toloza e Cacua (2020), ocorre ainda uma naturalização da violência, a qual algumas profissionais não percebem ou, quando percebem, compreendem-na como parte do trabalho e consideram que sua atenuação cabe a ações individuais das *camgirls*. São os movimentos identificados nas falas de Isabela, Camila e Juliana:

Isabela: Eu consigo entender que quando eu to ali, o *camming* é tipo uma performance pra mim, eu consigo entender isso.

Camila: Sim, tem [violência]. Mas também é isso, é só você cortar e ver que não serve pra você aquilo.

Juliana: Quando você começa a vender conteúdo, você tem que estar preparada para se aquilo ali vazar (*sic*).

As violências as quais atravessam as experiências dessas profissionais, não se resumem, no entanto, a relação com o cliente. Como afirma Bichir (2022, p. 52), o preconceito e o estigma social produzem “um impacto significativo na vida das trabalhadoras”. Ao citar Agustín (2007), Caminhas (2021, p.7) aponta que o estigma mostra-se presente no próprio termo prostituição - que aqui podemos ampliar para trabalho sexual -, pois esse “funciona como uma construção linguística associada a um processo de categorização social, que constrói a “classe de mulheres perigosas”, relacionada à criminalidade, à decadência moral e à pobreza”:

Mariana: Afetou e afeta até hoje, né? Ninguém me respeita [...] Hoje eu não consigo me relacionar com outros caras. Eu não gosto de esconder nada e quando eles sabem disso [profissão] eles mudam completamente o comportamento comigo.

Gabriela: Depois que descobrem, te tratam de uma forma completamente diferente [...] Por exemplo, eu não falo mais hoje em dia com meu pai por causa disso. Ele descobriu, não aceitou de jeito nenhum e preferiu cortar contato comigo. Então, com certeza influencia.

Nos relatos, observa-se que assim como afirmou Bichir (2022), o preconceito e o estigma social podem apresentar um impacto potencialmente mais prejudicial do que o próprio trabalho. São, por vezes, as experiências vividas fora da *webcam* que desencadeiam

sofrimento e adoecimento das trabalhadoras.

Pandemia

Como explicitado anteriormente, a pandemia da COVID-19 e os consequentes riscos apresentados por ela, motivaram ações governamentais de contenção de danos por todo o globo, entre as quais destacam-se as políticas restritivas de isolamento da população (Orellana; Aragón, 2020). Entretanto, o acesso a um isolamento econômico, social e fisicamente seguro não se deu de maneira proporcional para a toda a população, restringindo-se a “algumas categorias mais privilegiadas, isto é, aquelas com maior acesso a capital social, humano, financeiro e político”. (Passos; Almeida-Santos, 2020, p. 4245).

Nesse cenário, apresenta-se, de um lado, uma parcela privilegiada da população que encontrou na internet uma possibilidade de exercitar sua sexualidade em momentos pandêmicos, e de outro, um grupo socioeconomicamente vulnerável em busca de garantir renda para satisfazer as necessidades básicas de sobrevivência em um sistema capitalista. Tal movimento é passível de observação a partir dos relatos de experiência das *camgirls* entrevistadas, as quais, unanimemente, relataram que identificam relações entre a pandemia da COVID-19 e o crescimento do *webcamming*:

Camila: Cresceu muitas meninas na venda de conteúdo nesse tempo [de pandemia] e ao mesmo tempo está rolando uma naturalização disso [...] Ter que ficar em casa, precisar da renda e tipo, a internet tá paga, tá ali, sabe? É um dinheiro que entra fácil.

Mariana: Quando chegou a pandemia chegaram muitas meninas novas nos grupos, meninas que entravam ali e dava uma semana, um mês, e paravam. Não ia muito pra frente. Mas sim, foi um *boom* muito grande, principalmente no *Facebook*.

Gabriela: Cresceu muito o número de mulheres que começaram a fazer porque muitas pessoas ficaram desempregadas e viram isso como uma opção. Acho que a pandemia tem influenciado muito e tem feito crescer de um jeito que eu e ninguém nunca tinha visto.

Embora o *webcamming* tenha se apresentado como uma possibilidade rentável, é importante considerar que “a autoorganização de indivíduos e grupos é geralmente insuficiente para mitigar o impacto da pandemia por COVID-19, não devendo ser considerada como um perfeito substituto para o devido apoio governamental” (Passos; Almeida-Santos, 2020, p. 4246). Quando se está falando de trabalhadores sexuais, o descaso do Estado soma-se ainda “ao estigma e abandono por parte do poder público em garantir direitos básicos para a categoria” (Passos; Almeida-Santos, 2020, p. 4245).

O desamparo socioeconômico vivenciado por essa parcela populacional durante a pandemia e a consequente busca pelo *webcamming* como uma possibilidade rentável fazem

surgir novas problemáticas, como a saturação desse mercado e a necessidade do desenvolvimento de novas práticas dentro dele:

Sofia: No *CameraPrive*, antes da pandemia, eu lembro que eram dez mil, onze mil meninas. E agora o *CameraPrive* está cinco vezes esse tamanho, cinco vezes esse número de mulheres. Tanto que desde o fim de 2020, eles tiveram que aplicar um filtro. É um filtro aleatório na verdade. A cada dez pessoas que se inscrevem, eles escolhem aleatoriamente uma delas, porque é um número tão grande de cadastros que eles não podem comportar todas aquelas mulheres.

Mariana: As meninas começaram a explicar muito isso [*webcamming*] e a querer dar mentoria. Questão acho que mais por desespero, tipo, “caramba, não to conseguindo vender nada, então vou passar a dar mentoria”.

Juliana: Meio que desvalorizou o nosso trabalho, porque muitas meninas sem informações acham que é só chegar ali e vender, né? Mas na verdade, tem todo um trabalho [...] Antigamente eu conseguia cobrar facilmente R\$50 por 5 minutos de chamada. Hoje no *Telegram*, tem menina que cobra R\$1 por minuto de chamada. [Agora] eu também dou mentoria para as meninas que são iniciantes.

Os relatos supracitados denunciam a crescente vulnerabilidade que as trabalhadoras sexuais têm vivenciado. Nesse cenário se torna importante analisar o posicionamento do Governo Federal brasileiro diante desta problemática. O Ministério do Trabalho inseriu a prostituição na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) em 2002. A CBO da profissão descreve as condições do exercício dela, ressaltando que esses profissionais trabalham por conta própria, sem local ou horário definido, estando também expostos à discriminação social, ao contágio de infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), a maus tratos, violência e morte (Brasil, 2010). Esse movimento realizado pelo Ministério do Trabalho não garante a regulamentação da profissão, apenas revela o reconhecimento de que parte da população brasileira exerce essa atividade (Pereira; Feijó, 2014).

O *webcamming*, por sua vez, mostra-se ainda mais invisibilizado pelo poder público que nem sequer reconhece sua existência ou, quando muito, associa-o com a prostituição, negligenciando as demandas específicas de cada ramo do comércio sexual. Diante do exposto, Pena e Silva (2021, p. 39) afirmam que “devido à falta de políticas públicas que reconheçam as necessidades das trabalhadoras sexuais e dos desafios enfrentados pelas organizações que lhes orientam e dão suporte, ações de apoio de fortalecimento são urgentes”. Torna-se imprescindível o desenvolvimento de políticas sociais que garantam a regulamentação trabalhista, a segurança e a dignidade dos profissionais do sexo. Nesse movimento se objetiva ultrapassar o histórico de violência que não se resume à relação

trabalhador-cliente, mas é intensificado por uma estrutura social higienista e moralizante, a qual insiste em subjugar, explorar e violentar trabalhadores sexuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou apresentar as significações e representações desenvolvidas por *camgirls* em relação a suas práticas profissionais, com ênfase aos atravessamentos pandêmicos presentes em suas experiências. Para além do perfil multifacetado das participantes, foi possível observar os elementos racistas, sexistas e etaristas que transpassam as relações comerciais do *webcamming* e influem significativamente nas vivências das trabalhadoras.

As experiências das profissionais, sendo atravessadas por marcadores sociais, pela compreensão que essas possuíam do *webcamming* e pela dependência financeira que estabeleciam com o trabalho, apresentaram-se de forma amplamente diversa. Nesse cenário, reitera-se que os debates acerca do mercado do sexo devem ultrapassar lógicas acríticas que desconsideram os fatores socio-histórico-culturais inerentes ao sujeito, bem como a visão normatizante e binarista, a qual busca definir o comércio sexual como essencialmente explorador ou emancipador.

Evidenciou-se que as influências pandêmicas e midiáticas aparecem de forma clara na fala das entrevistadas, inclusive em suas próprias motivações para adentrar o mercado do sexo. Compreende-se que a partir do déficit econômico, a pandemia expôs a desigualdade social e a desigualdade de gênero próprias de uma estrutura social patriarcal e burguesa, escancarando assim, a vulnerabilidade das mulheres enquanto grupo social. Concomitante a isso, as intensas formas de publicização e glamourização do trabalho sexual na mídia, contribuíram para tornar o *webcamming* alvo de diversas pessoas em busca de renda.

Salienta-se que o presente estudo não objetivou esgotar a problemática em questão. Ao contrário, defende-se que a escassa literatura sobre o tema e as consequentes lacunas formadas, tornam-se elementos instigadores de mais pesquisas, como, por exemplo, estudos voltados para as vivências de pessoas trans no *webcamming*. Entretanto, advoga-se que toda a tentativa de produção de conhecimento sobre o mercado do sexo seja construída com os sujeitos que o vivenciam cotidianamente. Não se deve ter como objetivo falar por esses trabalhadores, mas sim, dar voz a quem foi, é, e segue sendo sistematicamente invisibilizado.

BIBLIOGRAFIA

- ABÍLIO, Ludmila Costhek. Uberização: a era do trabalhador just-in-time?. *Estudos Avançados*, v. 34, n. 98, p. 111-126, 2020. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.3498.008>>. Acesso em: 10 fev. 2024.
- AGUSTÍN, Laura. *Sex at the margins: migration, labour markets and the rescue industry*. Trechos traduzidos por Lorena Caminhas. London: Zed Books, 2007. 256 p.
- BATISTA, Paula Nogueira Pires. Todos querem paz e amor, mas o dinheiro apimenta o mundo: notas iniciais sobre clientes de cam girls, afeto e mercado transnacional de sexo online. In: OLIVEIRA, Thiago (Org.). *Homens nos mercados do sexo: reflexões sobre agentes, espaços e políticas*. Salvador: Editora Devires, 2019. p. 105-134.
- BICHIR, Marta de Castro Alves. *Camgirls: o impacto do trabalho na vida das modelos de webcam*. 2022. 72 f. TCC (Graduação) - Curso de Psicologia, Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2022. Disponível em: <<https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/27632>>. Acesso em: 05 fev. 2024.
- BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. 16. ed. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. 288 p.
- BRASIL. *Classificação Brasileira de Ocupações: CBO – 2010*. 3. ed. Brasília: MTE, SPPE, 2010. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/observatoriosocial/files/2014/09/CBO-Livro-1.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2023.
- CAMINHAS, Lorena Rúbia Pereira. Webcamming erótico comercial: nova face dos mercados do sexo nacionais. *Revista de Antropologia*, v. 64, n. 1, p. 1-22, 28 abr. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/1678-9857.ra.2021.184482>. Acesso em: 18 set. 2023.
- CRUZ, Felipe Branco. Após coronavírus, busca por sites pornô e *camgirls* cresce no Brasil. *Revista Veja*, 2020. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/cultura/apos-coronavirus-busca-por-sites-pornos-e-camgirls-cresce-no-brasil>>. Acesso em: 18 abr. 2023.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. 94 p.
- DOBSON, Amy Shields. Femininities as commodities: Cam girl culture. In: *Next Wave Cultures: Feminism, Subcultures, Activism*. Routledge, 2008. p. 125-150. Traduzido pelos autores. Disponível em: <https://www.taylorfrancis.com/chapters/edit/10.4324/9780203940013-9/femininities-commodities-amy-shields-dobson>. Acesso em: 03 mar. 2024.
- FA NOTÍCIAS. *Camgirls impulsionam mercado e ganhos chegam até R\$ 200 mil*. 2021. Elaborada por Yahoo. Disponível em: <https://fanoticias.com.br/camgirls-impulsionam-mercado-e-ganhos-chegam-ate-r-200-mil/>>. Acesso em: 10 out. 2022.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13. ed. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1998. 149p.
- FLICK, Uwe. *Introdução à pesquisa qualitativa*. Tradução de Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. 405 p.
- GÓES, Juliana. *Corpo, autonomia e associativismo: A participação das prostitutas da Guaicurus*. 2017. 144 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciência Política, Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS-AQFQ8A/1/disserta_o_final.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2024.
- IBACACHE, Jacqueline Espinoza; ÍÑIGUEZ-RUEDA, Lupinício. *Mujeres profesionales del sexo: prácticas reflexivas y posiciones en el campo*. Tradução dos autores. Cadernos Pagu, v. 1, n. 56, p. 1-31, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/18094449201900560013>>. Acesso em: 10 mar. 2024.
- JONES, Angela. *For Black Models Scroll Down: webcam modeling and the racialization of erotic labor*. Tradução dos autores. *Sexuality & Culture*, v. 19, n. 4, p. 776-799, 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1007/s12119-015-9291-4>>. Acesso em: 10 fev. 2024.
- LE BRETON, David. *A Sociologia do Corpo*. 2. ed. Tradução de Sônia M. S. Fuhrmann. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.
- LOPES, Maycon. *Pornografia Amadora em Tempo Real: observações preliminares sobre o cam4*. In: Simpósio em Tecnologias Digitais e Sociabilidade, 1, 2013, Salvador. Anais do Evento. Gits, 2013. p. 1-14. Disponível em: <http://gitsufba.net/anais/wp-content/uploads/2013/10/13n1_pornografia_49579.pdf>. Acesso em: 8 jul. 2023.
- LOPES, Débora. As *camgirls* brasileiras estão enchendo o bolso na quarentena. 2020. *Revista Vice*. Disponível em: <<https://www.vice.com/pt/article/884bwa/as-camgirls-brasileiras-estao-enchendo-o-bolso-na-quarentena>>. Acesso em: 20 out. 2022.
- MIRANDA, Thais Bittencourt de. Pornografia online amadora e seus desafios metodológicos. *Internet Latent Corpus Journal*, v. 4, n. 1, p. 82-93, 1 jan. 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.34624/ILCJ.V4I1.14821>>. Acesso em: 05 ago. 2023.
- MANTILLA, Silvia Juliana Quijano; TOLOZA, Jenny Rocío Peña; CACUA, Silvia Nathalia Villamizar. *Modelos Webcam: repercusiones en la vida diaria y percepción de violencia de género*. 2020. 106 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Curso de Psicologia, Facultad de Ciencias de Ciencias de La Salud, Universidad Autónoma de Bucaramanga, Floridablanca, 2020. Tradução dos autores. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.12749/11720>>. Acesso em: 02 fev. 2024.
- NASCIMENTO, Joyce Camila. *As dificuldades que as mulheres enfrentam no mercado de trabalho em tempos de Covid-19*. Conteúdo Jurídico, Brasília - DF, n. p., jan. 2021. Disponível em: <<https://conteudojuridico.com.br/consulta/artigos/56025/as-dificuldades-que-as-mulheres-enfrentam-no-mercado-de-trabalho-em-tempos-de-covid-19>>. Acesso em:

- 20 jun. 2023.
- ORELLANA, Vívian dos Santos Queiroz; ARAGÓN, Jorge Alberto Orellana. *Efeitos da Pandemia da COVID-19 no mercado de trabalho brasileiro*. In: ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA, 48., 2020. Anais... [Local de realização não mencionado: ANPEC], 2020. p. 1-17. Disponível em: <https://www.anpec.org.br/encontro/2020/submissao/files_I/i12-ae4477897c425dea5b67238fc1da22b3.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2023.
- PASSOS, Taciana Silveira; ALMEIDA-SANTOS, Marcos Antonio. *Trabalho sexual em período de pandemia por COVID-19 no contexto ibero-americano: análise de anúncios em websites*. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 25, n. 11, p. 4237-4248, nov. 2020. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1413-812320202511.26622020>>. Acesso em: 05 fev. 2024.
- PENA, João Soares; SILVA, Fernanda Priscila Alves da. Trabalho Sexual e COVID-19: entre o risco e a sobrevivência. *Revista Espirales*, v. 5, n. 2, p. 36-43, 2021. Disponível em: <<https://revistas.unila.edu.br/espirales/article/view/2769>>. Acesso em: 05 mar. 2024.
- PEREIRA, Jesana Batista; FEIJÓ, Maurício Eduardo Vasconcelos. Prostituição e Preconceito: Uma análise do Projeto de Lei Gabriela Leite e à violação da dignidade da pessoa humana. *Caderno de Graduação - Ciências Humanas e Sociais - UNIT*, v. 2, n. 1, p. 39-57, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.set.edu.br/fitshumanas/article/view/1348>>. Acesso em: 08 out. 2023.
- PERSCH, Hudson Carlos Avancini; SILVA, Flávia Torres; DAROLT JUNIOR, Rubens; BRESSAN, Paulo Roberto Meloni Monteiro; LEAL, Tamires de Assis. Uma análise das falhas de mercado da plataforma OnlyFans na pandemia da COVID-19. *Revista Científica da Faculdade de Educação e Meio Ambiente*, v. 14, n. 1, p. 368-384, 2023. Disponível em: <<https://doi.org/10.31072/rcf.v14i1.1254>> Acesso em: 3 ago. 2023.
- PISANI, Mariane da Silva. O enfrentamento e a sobrevivência ao Coronavírus também precisa ser uma questão feminista!. *Boletim n. 12 - Ciências Sociais e Coronavírus*, [S. l.], p. 1-5, 3 abr. 2020. Disponível em: <https://sbpcsc.paginas.ufsc.br/files/2020/04/Boletim-n12-Mariane-Pisani.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2023.
- PRADO FILHO, Kleber; TETI, Marcela Montalvão. A cartografia como método para as ciências humanas e sociais. *Barbarói*, Santa Cruz do Sul, v. 1, n. 38, p. 45-59, 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-65782013000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 mar. 2024.
- PRECIADO, Paul B. *Manifesto contrassexual: Práticas subversivas de identidade sexual*. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2022.
- RAMALHO, Núbia Sena dos Santos. *O Camming no Brasil: Uma breve análise sobre a satisfação de necessidades eróticas e afetivas em tempo de pandemia*. In: SIQUEIRA, Laurinda Fernanda Saldanha; SILVA, Maynara Costa de Oliveira (org.). *Diálogos Contemporâneos: Gênero e sexualidade na pandemia*. São Luis: Editora Expressão Feminista, 2021. Cap. 8, p. 85-93.
- RAVACHE, Guilherme. OnlyFans cresce 600%: Pandemia, crise e mais de 300 milionários explicam. 2021. UOL. Disponível em: <<https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/mercado/onlyfans-cresce-600-pandemia-desemprego-e-novos-milionarios-explicam-56494>>. Acesso em: 14 maio 2023.
- RIBEIRO, José Carlos; MIRANDA, Thais. *Sites de vídeos pornográficos amadores: encenação, midiatisação e exibicionismo do anonimato*. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 21., 2012, Juiz de Fora. Anais [...]. Juiz de Fora: Galoá, 2012. p. 1-12. Disponível em: <<https://proceedings.science/compos/compos-2012/trabalhos/sites-de-videos-pornograficos-amadores-encenacao-midiatisacao-e-exibicionismo-do?lang=pt-br>>. Acesso em: 05 set. 2023.
- ROCHA, Paula Jung; MONTARDO, Sandra Portella. Netnografia: incursões metodológicas na cibercultura. *E-Compós*, Brasília, v. 4, n.1, p. 1-22, 2005. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.30962/ec.55>>. Acesso em: 04 mar. 2024.
- RUBIN, Gayle S. Pensando sobre sexo: notas para uma teoria radical da política da sexualidade. Tradução de Felipe Bruno Martins Fernandes. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 21, p. 41-81, 2003. Disponível em: <<https://ria.ufrn.br/jspui/handle/123456789/2711>>. Acesso em: 10 jan. 2024.
- SILVA, Maria Aparecida Ramos da; SILVA, Allyson D. M. da. A virtualização da relação sexual em Cam4: o corpo enquanto objeto de desejo e consumo. *Revista Ártemis*, João Pessoa, v. 24, n. 1, p. 143-155, 2017. Portal de Periódicos UFPB. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.22478/ufpb.1807-8214.2017v24n1.34363>>. Acesso em: 04 jul. 2023.
- SILVA, Weslei Lopes; JAYME, Juliana Gonzaga. Close na web: incorporando femininos desejáveis. *Mediações-Revista de Ciências Sociais*, Londrina, v. 20, n. 1, p. 194-216, mar. 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.5433/2176-6665.2015v20n1p194>>. Acesso em: 15 set. 2023.